



Segurança em Saúde Prevenir e Capacitar

Entrevista: Marisa Oliveira
Fotografia: Sara Martins

No Instituto S. João de Deus (ISJD), a segurança em saúde não é apenas uma prática clínica ou um conjunto de normas. É uma cultura, uma missão vivida diariamente por todos os que fazem parte desta organização. Seja no contacto direto com o utente, no planeamento de uma medicação ou na definição de um novo protocolo, a segurança está presente como prática, como cultura e como compromisso.

Três responsáveis de áreas fulcrais para a segurança no ISJD – Maria João Monteiro, da área de farmácia,

Manuel Freitas, da área da enfermagem e coordenador do grupo PPCIRA e Marco Esteves, da área da qualidade – partilham a sua visão e experiência sobre este trabalho que se constrói diariamente.

A cultura da segurança começa nas pessoas

No ISJD, falar de segurança em saúde é também falar de Hospitalidade. Não há cuidado seguro sem respeito, nem qualidade sem escuta. “Segurança em saúde, no nosso contexto, significa um ambiente de prestação dos melhores cuidados, com o menor risco possível, para todos os



*Garantir ambientes
acolhedores,
práticas seguras,
escuta ativa e respeito
pela dignidade
humana*

Marco Esteves

utilizadores: utentes, colaboradores, familiares, voluntários e outros”, explica Manuel Freitas, sublinhando o alinhamento com o propósito institucional.

Marco Esteves reforça esta ideia, lembrando que segurança não é apenas ausência de erro: “Vai além da prevenção de acidentes. É também garantir ambientes acolhedores, práticas seguras, escuta ativa e respeito pela dignidade humana”. Já Maria João Monteiro introduz um conceito essencial: cultura. “Em saúde, a segurança não se limita à gestão de risco com protocolos e procedimentos. A segu-

rança tem de ser sentida e vivida por todos”.

Essa cultura, embora em crescimento, requer um investimento contínuo. Há uma consciência crescente entre as equipas, mas todos reconhecem a necessidade de formação estruturada e transversal, bem como de uma estratégia alinhada e partilhada. “**O compromisso é coletivo, desde a gestão de topo até às equipas clínicas e de suporte.** Só assim conseguimos criar planos de prevenção eficazes e fortalecer a cultura institucional”, salienta a responsável de farmácia.

Quando qualidade e segurança se encontram

Na área da qualidade, o Sistema de Gestão da Qualidade implementado no ISJD tem desempenhado um papel essencial na promoção de cuidados seguros. A normalização de processos, o acompanhamento sistemático de indicadores, a notificação de incidentes e a realização de auditorias internas e externas são hoje práticas consolidadas.



*Uma casa segura
para todos*

Marco Esteves

“O elo entre qualidade e segurança é fundamental”. “A qualidade permite monitorizar, avaliar e melhorar continuamente. Destaco, por exemplo, a gestão de eventos adversos, que promovem uma cultura de melhoria em vez de penalização”, explica Marco Esteves. A aposta na formação contínua das equipas é outro pilar essencial para garantir que todos estão alinhados com as boas práticas.

Em 2025, a atualização do referencial europeu EQUASS irá reforçar ainda mais esta aposta, exigindo um sistema estruturado de gestão de risco, capacitação dos colaboradores e planos de resposta a situações de crise. “O ISJD está já a preparar-se para este novo ciclo, com base na norma ISO 31000:2018”. “Temos de estar preparados para o inesperado, com planos de contingência bem definidos e equipas formadas”, afirma Marco.

Cuidados clínicos mais seguros e mais conscientes

Na vertente dos cuidados, a implementação da estratégia de Prevenção e Controlo de Infeções e Resistência aos Antimicrobianos (PPCIRA) tem vindo a ganhar importância. Manuel Freitas, que coordena este processo, fala de um “patamar de consciencialização” que permite olhar para o futuro com confiança. “Temos, hoje, equipas PPCIRA formadas em cada centro e unidades que aderiram aos programas da Direção-Geral da Saúde (DGS), com auditorias e monitorização periódicas. A estratégia passa agora por uniformizar procedimentos e consolidar essa prática a nível institucional”. Mais do que reduzir infeções, trata-se de promover uma lógica de responsabilização coletiva. “Os recursos são escassos e temos de os usar com inteligência. **A segurança depende também da nossa capacidade de trabalhar em rede**”, afirma.

A farmácia como eixo da segurança terapêutica

Nos últimos 20 anos o ISJD tem desenvolvido no âmbito do circuito do medicamento uma abordagem integrada, envolvendo todos os intervenientes. Desde a informatização do circuito do medicamento até à implementação de protocolos rigorosos, a área farmacêutica tem assumido um



*A segurança em saúde
é um compromisso
de todos e a base
para garantir práticas
de qualidade focadas
nas pessoas*

Maria João Monteiro

papel estruturante na redução de risco terapêutico. “Apostamos na rastreabilidade, prescrição segura, farmacovigilância e formação constante”, explica Maria João.

Um dos focos atuais é a gestão dos medicamentos de alta máxima que implicam um risco elevado em caso de falha: anticoagulantes, insulinas, opioides ou adrenalina, por exemplo.

“Temos listas atualizadas, etiquetagem diferenciada, circuitos controlados e protocolos definidos. **A formação é crítica para garantir que todos os profissionais conhecem o risco e sabem como atuar**”, acrescenta. Além disso, a indisponibilidade de medicamentos e os novos projetos como a externalização da preparação em farmácias comunitárias para a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI), colocam novos desafios. “A segurança também passa por garantir o acesso, a continuidade do tratamento e a boa articulação com parceiros externos”.

**Mais estrutura. Mais tecnologia.
Mais envolvimento**

Os desafios que o futuro irá apresentar são claros, concor-



dam. A falta de profissionais com formação específica, a rotatividade de equipas e a obsolescência de algumas infraestruturas são obstáculos que necessitam ser ultrapassados.

“Temos de estruturar o risco como processo de suporte dentro do Sistema de Gestão da Qualidade, clarificar eventos clínicos e não clínicos e apostar na formação transversal”, aponta o responsável de enfermagem.



Marco Esteves acrescenta ainda a necessidade de encarar a segurança como um valor institucional e não apenas um cumprimento normativo. “A envolvimento de todos os níveis da organização é essencial”.

Maria João, por sua vez, aposta na tecnologia como catalisador de mudança. “A desmaterialização, os sistemas

“

Sentimo-nos realizados numa ‘casa’ que é efetivamente segura para todos os utilizadores

Manuel Freitas

automatizados e as ferramentas de business intelligence vão permitir melhorar a monitorização e apoiar decisões mais seguras e sustentáveis”.

Segurança com propósito, cuidado e identidade

A segurança em saúde não é um projeto isolado, nem um mero cumprimento de normas. É uma prática diária, sustentada por conhecimento técnico, compromisso ético e valores profundamente enraizados na missão da Hospitalidade. O Instituto assume com seriedade o seu papel de promotor de ambientes seguros, onde cada utente, cada colaborador e cada gesto importam.

As perspetivas partilhadas por Marco Esteves, Manuel Freitas e Maria João demonstram um alinhamento estratégico entre áreas e um empenho coletivo em garantir cuidados seguros, eficazes e personalizados. Seja através da gestão da qualidade, do controlo de infeções ou da segurança na medicação, o ISJD está a construir um caminho sólido, baseado em evidência, inovação e humanização.

Mais do que responder a exigências externas, o ISJD escolhe colocar a segurança como uma prioridade interna, transversal e duradoura, porque cuidar bem exige mais do que intenção: exige estrutura, formação, monitorização e, acima de tudo, cultura. ■